



JUSTIÇA DE GÊNERO E LINGUAGEM INCLUSIVA: CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA FEMINISTA E DA LINGUÍSTICA

GENDER JUSTICE AND INCLUSIVE LANGUAGE: CONTRIBUTIONS FROM FEMINIST THEOLOGY AND LINGUISTICS

Samira Rossmann Ramlow

Bacharela em Teologia. Estudante do mestrado acadêmico da pós-graduação em teologia da Faculdades EST. Roque Gonzales, RS, Brasil.

Email: samirarramlow@hotmail.com

Marcia Blasi

Dra. em Teologia. Docente da graduação e pós-graduação em teologia da Faculdades EST e Executiva do Programa de Justiça de Gênero e Empoderamento de Mulheres da FLM. Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: marcia.blasi@est.edu.br

Artigo enviado em: 12 de novembro de 2024.

Aceito em 22 de dezembro de 2024.

Resumo:

Este artigo explora a intersecção entre o conceito de performatividade da linguística e os fundamentos da teologia feminista, com o objetivo de discutir a Linguagem Inclusiva de Gênero como uma ferramenta para a promoção da Justiça de Gênero. A partir da perspectiva da Teologia Feminista, investiga como a linguagem não apenas reflete, mas também constrói e perpetua estruturas de poder e identidades de gênero dentro de contextos religiosos. O estudo analisa como a performatividade de gênero pode ser usada para entender e desafiar as dinâmicas de gênero nas práticas teológicas, sendo aplicada na Teologia Feminista para promover a Justiça de Gênero através da Linguagem Inclusiva de Gênero em comunidades cristãs.

Palavras-chaves: Justiça de Gênero; Linguística; Teologia Feminista; Performatividade.

Abstract:

This article explores the intersection between the concept of performativity from linguistics and the foundations of feminist theology, with the aim of discussing Gender Inclusive Language as a tool for promoting Gender Justice. From the perspective of Feminist Theology, the article investigates how language not only reflects, but also constructs and perpetuates power structures and gender identities within religious

contexts. The study analyzes how gender performativity can be used to understand and challenge gender dynamics in theological practices, being applied in Feminist Theology to promote Gender Justice through Gender Inclusive Language in Christian communities.

Keywords: Gender Justice; Linguistics; Feminist Theology; Performativity.

INTRODUÇÃO

A questão da Justiça de Gênero dentro das comunidades cristãs tem sido tema de debates crescentes, especialmente através da Teologia Feminista, desafiando interpretações teológicas tradicionais que reforçam desigualdades entre homens e mulheres. Uma das diferentes ênfases nessa discussão é a Linguagem Inclusiva de Gênero, que propõe mudanças no discurso religioso para promover justiça, inclusão e visibilidade. A linguagem, longe de ser um elemento neutro, é um instrumento de poder que molda e perpetua estruturas sociais e de gênero, sendo, portanto, uma ferramenta chave na busca por vida mais justa e digna especialmente para as mulheres.

Neste contexto, a Linguística oferece contribuições importantes para o debate sobre Justiça de Gênero, especialmente por meio do conceito de performatividade de gênero, conforme proposto por Judith Butler¹. Esse conceito evidencia como gênero não é uma característica biológica, mas uma construção discursiva, perpetuada por práticas linguísticas e sociais. Ao aplicar essas teorias à teologia, é possível afirmar como o discurso religioso não apenas reflete, mas também construiu e continua sustentando normas de gênero, limitando a participação plena de mulheres e outras identidades de gênero marginalizadas.

Este artigo investiga as interseções entre a Linguística e a Teologia Feminista, destacando o papel central da linguagem na promoção ou na perpetuação de barreiras à Justiça de Gênero nas comunidades cristãs. Com base nessa análise, discute-se a Linguagem Inclusiva de Gênero será discutida como uma prática teológica e linguística transformadora, capaz de desafiar estruturas de poder dentro da igreja e fomentar uma vivência de fé mais equitativa e inclusiva.

JUSTIÇA DE GÊNERO NA TEOLOGIA FEMINISTA

A Teologia Feminista é uma área da teologia dedicada a desconstruir interpretações religiosas que reforçam desigualdades de gênero, promovendo, em seu lugar, uma visão justa e equitativa das relações de poder entre as pessoas. Para Maxine Molyneux o termo "justiça de gênero" implica em

¹ BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de leituras*, n. 78, 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 05 de set. 2024.

um conceito de justiça que se refere às relações sociais e legais que prevalecem entre os sexos. Não é facilmente definível, pois carrega diferentes significados que mudam ao longo do tempo. A justiça de gênero pode abranger várias concepções de justiça, desde a simples igualdade até conceitos de igualdade diferenciada, esta última com o sentido de respeito à diferença, embora acompanhada de duas condições importantes: que a igualdade continue sendo um princípio fundamental da justiça e que, tanto na letra da lei quanto em sua aplicação, todas as pessoas sejam tratadas como moralmente iguais. Na linguagem política moderna, a justiça de gênero implica a cidadania plena para as mulheres, e é assim que o termo é geralmente entendido no contexto latino-americano.²

No contexto da Teologia Feminista, justiça de gênero envolve não apenas o reconhecimento da igualdade entre os gêneros, mas também a necessidade de desconstruir estruturas históricas de opressão e subordinação que têm sido mantidas por meio de interpretações patriarcais das escrituras e práticas religiosas. Por 'patriarcal' não se entende apenas a subordinação das mulheres aos homens como um ato de violência pontual, mas sim toda a organização e construção social que tende a diminuir as mulheres e a exaltar os homens.³

A justiça de gênero exige uma luta contínua contra as interpretações que têm subordinado as mulheres e as levado a acreditar que ocupam um lugar inferior no plano de Deus⁴, uma vez que “a Bíblia não é um livro neutro, mas uma arma política e ideológica usada contra as mulheres em sua luta por igualdade”⁵, conforme aponta Wanda Deifelt, ao analisar a bíblia das mulheres, editada por Elizabeth Cady Stanton⁶.

A justiça de gênero, conforme defende a Teologia Feminista vai além da inclusão formal de mulheres em cargos de liderança religiosa ou no ministério com ordenação. Também não se limita a trazer mulheres para dentro do sistema patriarcal, legitimando o mesmo e limitando a participação plena das mulheres. Ela exige uma transformação radical na maneira como os dogmas e as narrativas bíblicas são

² MOLYNEUXO, Maxine. *Justicia de Género, Ciudadanía y Diferencia en América Latina*. Ediciones Universidad de Salamanca: Salamanca. v. 28, p. 181-211, 2010. “El término “justicia de género” implica un concepto de justicia que remite a las relaciones sociales y jurídicas que predominan entre los sexos. No es fácil mente definible, dado que carga con significados diferentes que han cambiado con el tiempo. La justicia de género puede comprender diversas concepciones de justicia, en un arco que va desde la simple igualdad a conceptos de igualdad diferenciada, estos últimos con el sentido de respeto por la diferencia, aunque acompañados de dos importantes condiciones: que la igualdad siga siendo un principio fundamental de la justicia, y que tanto en la letra de la ley como en su aplicación se trate a todos como moralmente iguales. En lenguaje político moderno, la justicia de género implica ciudadanía completa para las mujeres, y así es como generalmente se entiende el término en el contexto latinoamericano”. (tradução própria)

³ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 126.

⁴ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista?* São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 21.

⁵ DEIFELT, Wanda. *Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a bíblia das mulheres*, editada por Elizabeth Cady Stanton. Estudos Teológicos, São Leopoldo, RS, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992, p. 5.

⁶ STANTON, Elizabeth Cady. *A Bíblia para as mulheres*. São Leopoldo, RS: CEBl, Porto Alegre, RS: Editora e Livraria Anglicana, 2019

interpretadas, questionando as bases teológicas que sustentam a subordinação das mulheres e outras identidades marginalizadas. Maricel Mena Lopez, afirma em um estudo bíblico sobre a situação de mulheres seriamente afetadas pelos deslocamentos forçados,

Se quisermos contribuir para uma transformação real por meio da fé, é necessário mover o coração e a mente das pessoas em direção à cura, à integridade e à justiça. Se as pessoas de fé realmente querem promover a causa da justiça em tudo o que se relaciona à vida integral dessas mulheres, devem realizar um trabalho concreto de conscientização e solidariedade. Mas há um compromisso mais profundo exigido da igreja e da teologia, que é o de confrontar sua própria misoginia. Confrontar seu próprio passado – no presente – em relação às mulheres. A tarefa de alcançar a justiça para as mulheres é coletiva, ela deve tocar nossas almas, nossos corações, nossas entranhas, nossos ventres – *rehem* e nossas mentes.⁷

A transformação proposta para a vivência da justiça de gênero inclui o estudo e a reinterpretação de textos bíblicos utilizados para legitimar a inferioridade das mulheres. Wanda Deifelt promove uma metodologia de desconstrução e reconstrução, desconstruindo a retórica e a política kyriarcal de desigualdade e subordinação inscrita na Bíblia e propor elaborações emancipatórias.⁸

Essa metodologia é composta de três passos: 1) tomar consciência da exclusão da mulher naquilo que foi formulado, canonizado e determinado como padrão e centro pela tradição patriarcal, e criticar essa exclusão; 2) reconhecer que as mulheres estão e sempre estiveram presentes na história; 3) reconhecer que há outras formas de fazer teologia, que é possível revisar, recriar e incluir as experiências de opressão e busca pela libertação das mulheres e que as mulheres não são só leitoras, mas são também “produtoras literárias”⁹, articuladoras do saber.

Através dessa metodologia, que é uma dentre outras formuladas por teólogas feministas, as passagens bíblicas e a tradição religiosa são lidas de forma que valorizem as experiências e perspectivas de mulheres, apoiando a diversidade de experiências de gênero. A hermenêutica feminista que

⁷ MENA LOPEZ, Maricel. Violencia sexual y desplazamiento forzado a la luz del libro de los Jueces. *Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, v. 63, n.2, p. 54-67, Quito, 2009. “Si queremos contribuir para una real transformación desde la fe, es necesario conmovier los corazones y las inteligencias de las personas con miras a la curación, la integridad y la justicia. Si las personas de fe quieren realmente progresar en la causa de la justicia en todo lo que se relaciona con la vida integral de éstas mujeres, deberán ejercer una labor de sensibilización y solidaridad concreta. Pero hay un compromiso más profundo que se pide a la iglesia y a la teología, que es el enfrentamiento de su propia misoginia. Enfrentar su propio pasado – en el presente – en relación con las mujeres. La tarea de alcanzar la justicia para las mujeres es colectiva, debe llegarnos al alma, al corazón, a las entrañas, al vientre - *rehem* y a la inteligencia”. (tradução própria)

⁸ DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: SOTER; Paulinas: Loyola, 2003.

⁹ DEIFELT, 2003, p. 184.

[...] ancora-se, no pressuposto da suspeita, para começar a (re)ler um texto com a hipótese de que está escrito em linguagem masculina, assim como imerso em uma tradição patriarcal, canonizados, compreendidos e proclamados por homens.¹⁰

Outro exemplo é a criação de liturgias inclusivas, que evitam o uso de linguagem sexista, desconstruem a imagem de Deus como exclusivamente masculina e promovem relações que abrem caminho para uma prática de fé mais igualitária e inclusiva. A constante denúncia da invisibilização das mulheres é um ponto central na Teologia Feminista. Ivone Gebara afirma que,

[...] aqui se situa parte do problema, essa figura poderosa [Deus] é expressa em uma linguagem gramatical e em uma figura histórico-simbólica masculina prescindindo, nesse nível, do feminino. Por isso se costuma dizer que as sociedades monoteístas patriarcais repousam sobre um monoteísmo masculino que torna difícil a introdução de elementos simbólicos mais inclusivos que façam justiça ao feminino e à diversidade de expressões da vida. O monoteísmo masculino é, na realidade, a expressão de culturas de dominação pública masculina. O poder político e social está em mãos masculinas. Por isso, nessas culturas, há quase uma rejeição de se expressar Deus no feminino muito embora aqui e acolá surjam qualificativos que revelam a impossibilidade de abafarmos o feminino em nós. Por exemplo, a expressão ‘Deus é misericordioso’ remete à palavra misericórdia, e esta se origina do hebraico *rahem* que significa útero. O feminino acaba irrompendo de diferentes maneiras, embora seja apropriado pelo masculino.¹¹

A Teologia Feminista está comprometida com a transformação de relações injustas em todos os espaços, e deve ser vivida também no dia a dia das comunidades de fé. A reconciliação com Deus, propiciada por meio de Jesus, confere dignidade a todas as pessoas, conforme o desejo de Deus expresso na criação. Isso inclui o questionamento de relações de poder e dominação que determinam quem tem mais ou menos dignidade, quem pode ou quem não pode participar do discurso teológico e quem deve ou não ocupar certos espaços.

Ivone Gebara afirma que essa mudança de referências simbólicas na cultura é urgente porque elas precisam fazer sentido com a experiência cotidiana, com o que vivemos no âmbito pessoal e social, nos diferentes espaços da nossa existência. Segundo a autora, entender o que há de errado nas nossas relações e o porquê devemos mudar nossos hábitos pode gerar posicionamentos mais respeitosos e justos.¹²

A utilização da Linguagem Inclusiva de Gênero, é uma ferramenta para a desconstrução do patriarcado no discurso teológico. A linguagem é tanto um reflexo quanto uma construtora de realidades sociais. Conforme Paulo Freire, a linguagem não existe sem um pensar, e, linguagem e pensar não existem sem uma realidade. Portanto,

¹⁰ EGGERT, Edla. A mulher e a educação: possibilidade de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, RS, v. 3, n. 5, p. 19-27, 1999.

¹¹ GEBARA, 2007, p. 13.

¹² GEBARA, 2007, p. 18.

conforme o educador, a mudança nas palavras pode refletir uma mudança no pensamento e conseqüentemente nas relações de poder.¹³ Isso pode ser aplicado para dentro da comunidade cristã. Uma linguagem que exclui é uma linguagem que nega a presença e a contribuição das mulheres na história política e religiosa.

CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA O ENTENDIMENTO DA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO DISCURSO TEOLÓGICO

A linguagem é uma das formas mais poderosas pelas quais a socialização patriarcal foi e continua sendo transmitida, moldando a percepção de gênero de forma inconsciente. “A vida dos homens sempre foi considerada representativa da vida de todos os seres humanos. No que se refere a como vivia a outra metade da humanidade, na maior parte das vezes, só há o silêncio.”¹⁴

A Linguística desempenha um papel crucial na compreensão de como as identidades de gênero são construídas e mantidas por meio do discurso teológico. O estudo da linguagem revela que gênero não é apenas uma categoria a ser discutida no âmbito biológico ou social, mas também uma construção discursiva, ou seja, moldada e reiterada pelas palavras e práticas usadas ao longo do tempo. Ivone Gebara afirma:

Socialização patriarcal significa que a maneira pela qual somos educados [e educadas] é marcada por concepções que valorizam um referencial histórico masculino mais do que o feminino. Em outros termos, essa socialização frisa de diferentes maneiras o valor maior do masculino e, em consequência, as atividades sociais realizadas pelos homens. É nesse sentido que falamos da força dos símbolos masculinos presentes em nossa cultura. Eles nos penetram de diferentes modos e nem sempre temos consciência de sua força em nosso psiquismo e em nossos comportamentos.¹⁵

Nesse sentido, termos como “Senhor”, “Pai”, que apresentam Deus como exclusivamente masculino, reforçam a compreensão de poder associada ao masculino.

Aqui não discutimos as condições de existência real de tal ser, mas apenas a função psíquica e social que tal existência provoca na vida humana. E isso porque sua existência real ou imaginária se impôs nos limites das sociedades fundadas a partir de culturas de base monoteísta. Estas sempre se dirigiram a esse ser como Alguém totalmente Outro, distinto de mim e do mundo, um Outro afirmado pela maioria das línguas ou das imagens como ser masculino.¹⁶

A supervalorização do divino como ser exclusivamente masculino foi usada como mecanismo de dominação e de submissão dos homens sobre as mulheres. Assim,

¹³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 49. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 06 de set. 2024.

¹⁴ PEREZ, Caroline Criado. *Mulheres invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado para homens*. Tradução: Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022, p. 11

¹⁵ GEBARA, 2007, p. 19.

¹⁶ GEBARA, 2007, p. 11-12.

o discurso teológico não é neutro em relação à gênero: ele reflete, perpetua, legitima e reforça padrões patriarcais. É preciso desafiar as normas impostas por discursos que tornam a leitura da Bíblia e a vivência da fé injustas. A teologia feminista desafia esses discursos. E a linguística oferece ferramentas para questionar e desconstruir a linguagem patriarcal que limita e hierarquiza as identidades de gênero. Uma delas é o conceito de performatividade de gênero proposto por Judith Butler, fundamental para analisar como o gênero é reiterado no discurso teológico. Nas comunidades cristãs, as liturgias, pregações e leituras bíblicas atuam como atos performativos que reforçam papéis de gênero tradicionais. Afirmar Judith Butler:

Dizer que a realidade do gênero é performativa significa, de maneira muito simples, que ela só é real na medida em que é performada. É justo dizer que certos tipos de atos são geralmente interpretados como identidade expressa são de um núcleo ou de gênero, e que esses atos ou estão em conformidade com uma identidade de gênero interessante ou questionam, de alguma forma, essa expectativa – expectativa que, por sua vez, é baseado na percepção do sexo, sendo o sexo entendido como dado factual e distinto das características sexuais primárias.¹⁷

Isso significa que o gênero não é algo que temos, mas algo que fazemos. Não é uma característica fixa, inata. Em vez disso, o gênero é produzido e sustentado por atos, comportamentos e discursos repetidos ao longo do tempo e que não são neutros, mas são interpretados pela sociedade com base em uma expectativa prévia do que uma pessoa deve ou não fazer, conforme seu sexo. Até mesmo o sexo biológico é entendido a partir de um filtro social e cultural na sociedade, dando significados mais sociais do que propriamente biológicos a ele.¹⁸

Os atos, comportamentos e discursos performativos podem estar à serviço da conformação às normas de gênero e do reforço dessas expectativas sociais. Por exemplo, definir que o homem é “macho”, ou seja, “homem de verdade” após ele agir com raiva ou agressividade, ou então “elogiar” uma mulher após a execução de um trabalho, com a expressão “bem coisa de mulher”

Por outro lado, os discursos performativos podem desafiar normas, questionando os papéis atribuídos ao gênero, respeitando, reconhecendo e valorizando a vida e a experiência de mulheres, pessoas trans, não-binárias ou que performam de maneira considerada fora do normal pela sociedade. Sobre isso, Judith Butler relata:

Performar o gênero de modo inadequado desencadeia uma série de punições ao mesmo tempo óbvias e indiretas, e performá-lo bem proporciona uma sensação de garantia que existe, afinal de contas, um essencialismo na identidade de gênero. Que um sentimento de angústia tome facilmente o lugar dessa garantia, e que a cultura castigue ou marginalize prontamente quem não consegue representar a ilusão de um gênero essencialista, deveria bastar como sinal de que, em algum nível, existe o conhecimento social de

¹⁷ BUTLER, 2018.

¹⁸ BUTLER, 2018.

que a verdade ou a falsidade de gênero são apenas socialmente impostas, e de modo nenhum ontologicamente necessárias.¹⁹

Ou seja, com base na ideia de performatividade, não há somente uma maneira de expressar a identidade de gênero, não há uma essência que se manifesta externamente. Portanto, segundo Butler, o que acontece é uma normatização e regulação social sobre a performatividade de gênero que atua sobre a definição de identidades a partir da repetição de normas constitutivas em aparatos culturais (discursos religiosos, legais, institucionais, médicos, educacionais, sociais, psicológicos etc.). Essa formação da definição de normalidade é a ficção reguladora.²⁰

A repetição constante de discursos que representam Deus exclusivamente no masculino e que associam papéis específicos ao feminino e ao masculino reforça uma norma que parece natural e imutável. Não apenas reflete uma tradição, mas também pode levar à associação do poder divino com características historicamente atribuídas ao masculino, muitas vezes alinhadas a formas performadas de masculinidade valorizada socialmente, como a força ou agressividade. No entanto, quando questionamos esses discursos através de uma análise linguística crítica, percebemos que as normas podem ser desconstruídas e ressignificadas.

Essa prática performativa, ao longo do tempo, tem um impacto direto na forma como as relações de poder são vivenciadas nas igrejas e nas estruturas sociais que elas influenciam, e na forma como identidades de mulheres e comunidade LGBTQIAPN+ são vistas nesses espaços. A linguagem que usamos para falar de Deus tem consequências diretas sobre como percebemos e vivemos as relações de gênero. Por isso, junto com a consciência feminista dentro da teologia, veio a necessidade de transformar também a linguagem sobre Deus. Sobre isso, Elsa Tamez escreve que

[...] as mulheres querem ver-se representadas no discurso teológico; não apenas nos momentos em que é falado sobre as mulheres, mas em todo o discurso teológico. Se enfatiza que, se o fazer teológico parte da experiência das mulheres, o discurso deve ser diferente, porque é a experiência das mulheres. A experiência das mulheres e sua visão de mundo são diferentes das dos homens, devido a diferentes fatores: culturais, biológicos e históricos. Fala-se da teologia das mulheres a partir da ótica das mulheres. Busca-se resgatar o feminino no discurso sobre Deus. Questiona-se o discurso teológico clássico, analítico, rígido e demasiado racional, logocêntrico, e propõe-se novas formas de discurso teológico. A "práxis política", diz-se, deve ser acompanhada pela "práxis do afeto" para torná-la mais humana. Muitos discursos poéticos surgem livremente, sem vergonha, com a exigência de serem reconhecidos como teológicos. No campo litúrgico há uma grande novidade e criatividade nas contribuições das mulheres. (Tradução livre).²¹

¹⁹ BUTLER, 2018, p. 13-14.

²⁰ BUTLER, 2018.

²¹ TÁMEZ, Elsa. *Religión y género. Enciclopedia Iberoamericana de Religiones*. Edición de Sylvia Marcos. Madrid: Trotta, 2008, p. 52. "[...] la mujer quiere verse representada en el discurso teológico; no sólo en los momentos em que se habla sobre la mujer, sino en todo el discurso teológico. Se enfatiza que,

Ao adotar uma Linguagem Inclusiva de Gênero é possível subverter essa performatividade e criar outras maneiras de representar e compreender Deus e as pessoas, abrindo caminho para uma prática mais igualitária. Dentro das comunidades cristãs, a performatividade do gênero tem o poder de questionar discursos e práticas que reforçam papéis de gênero tradicionais. No entanto, segundo a teóloga María Pilar Aquino, devem ser usadas para garantir que todas as mulheres tenham consciência de que

[..] sua libertação é parte integral de libertação prometida no Evangelho para todas as pessoas pobres e oprimidas. Seus esforços têm sua raiz nas Escrituras. Por ser criada à imagem de Deus, exige uma ruptura com o sistema patriarcal prevalecente para construir uma sociedade igualitária.²²

Quando mudanças na linguagem são vivenciadas, com o uso de termos inclusivos para descrever Deus e as pessoas, percebemos que muitas são as formas que Deus se manifesta. Limitar de forma humana a variedade dessas manifestações, tornando-as exclusivamente experiências masculinas, faz parte de um projeto patriarcal para “legitimar processos de opressão, dominação e exclusão, porque trabalha com o pressuposto da naturalização das funções e papéis femininos e masculinos, socioculturalmente construídos”²³. É necessário reconfigurar a performatividade de gênero em todos os espaços, incluindo as comunidades religiosas, construindo novas relações, e abrindo espaço para anunciar a libertação e a dignidade em todos os níveis.

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM INCLUSIVA COMO FERRAMENTA TRANSFORMADORA NA EFETIVAÇÃO DA JUSTIÇA DE GÊNERO

A partir da compreensão de como as relações de poder e os processos de dominação são reforçados por meio do discurso, o uso da Linguagem Inclusiva de Gênero é uma ferramenta para promover a justiça de gênero dentro das comunidades cristãs. Mudar a linguagem não apenas transforma as práticas de fé, mas também

si en el hacer teología se parte de la experiencia de la mujer, el discurso debe ser diferente, pues la experiencia de las mujeres y su cosmovisión son diferentes a la de los varones, por distintos factores: culturales, biológicos e históricos. Se habla de la teología de la mujer desde la óptica de la mujer. Se busca rescatar lo femenino del discurso sobre Dios. Se cuestiona el discurso teológico clásico, analítico, rígido y demasiado racional, logocéntrico, y se proponen nuevas formas de discursos teológicos. A la «praxis política», se dice, debe acompañarle «la praxis del cariño» para hacerla más humana. Muchos discursos poéticos surgen libres, sin vergüenza, con la exigencia de ser reconocidos como teológicos. En el terreno litúrgico se da una gran novedad y creatividad en las aportaciones de las mujeres.” (tradução própria)

²² AQUINO, María Pilar. “Qué es hacer teología desde la perspectiva de la mujer?” Fala apresentada no congresso *Iglesia y derechos humanos*. IX Congreso de Teología, Grafinat, Madrid, 1989. “Su liberación es parte integral de la liberación prometida en el Evangelio para todos los pobres y oprimidos. Sus esfuerzos tienen su raíz en la Escritura. Por ser creada a imagen de Dios, exige una ruptura con el sistema patriarcal prevaleciente en orden a construir una sociedad igualitaria.” (tradução própria)

²³ REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração: Teologia Bíblica Feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 11.

desestabiliza as estruturas de dominação existentes no meio comunitário. A linguagem pode ser uma porta de entrada para a inclusão ou para a exclusão. Quando mudamos nossas palavras, somos convidadas a refletir sobre essa mudança e a testemunhar os frutos dessa reflexão nas nossas práticas.

Considerar a multiplicidade de identidades de gênero e as formas como essas são marginalizadas ou invisibilizadas no discurso teológico tradicional, contribui para expandir a inclusão dentro das comunidades de fé. Usar a linguagem inclusiva não é apenas uma mudança estética, mas um movimento que pretende alterar as dinâmicas de poder e criar uma comunidade de fé mais justa. Pretende nomear, ouvir e ampliar a voz daquelas pessoas que sempre estiveram presente, mas nem sempre foram vistas ou ouvidas.

A mudança da linguagem também passa pela reinterpretação de passagens bíblicas que tradicionalmente foram usadas para justificar a subordinação das mulheres, ao valorizar as vozes e experiências das mulheres, destacando seu papel ativo na história da igreja e na vida de fé, novos paradigmas são criados. Comunidades que utilizam linguagem inclusiva promovem uma cultura de inclusão, em que mulheres, e todas as pessoas, se sentem reconhecidas e valorizadas. Essa mudança linguística é uma forma de trazer a discussão sobre Justiça de Gênero para dentro da vida da comunidade, incentivando não apenas as mulheres a se envolverem no assunto, mas também os homens, como integrantes do corpo de Cristo, pessoas chamadas a reivindicar, zelar, garantir dignidade de cada membro deste corpo.

Quando a discussão sobre a linguagem inclusiva de gênero ultrapassar o binarismo entre homem e mulher, tornar-se-á possível promover uma inclusão plena e uma participação efetiva de todas as pessoas, incluindo aquelas que não se conformam às expectativas de performatividade de gênero. Só então será possível falar em diversidade plena. No entanto, este é um processo longo, especialmente em tempos de fundamentalismos religiosos e políticas de exclusão. Diversas Igrejas e comunidades religiosas estão empenhadas em diálogos entre gêneros binários, fazendo declarações públicas e implementando políticas de justiça de gênero que colocam a garantia de relações justas como prioridade teológica e prática.

Embora ainda haja um longo caminho pela frente para que comunidades de fé sejam verdadeiramente inclusivas, vivendo o amor de Deus revelado em Jesus Cristo, como sendo infinito e para todas as pessoas, celebramos os avanços conquistados quanto à justiça de gênero entre homens e mulheres.

Para a maioria das mulheres, após a conscientização sobre a exclusão, surge o reconhecimento de que, apesar de terem sido marginalizadas pelas tradições patriarcais desde os primórdios do cristianismo, é possível hoje vivenciar, mesmo que de maneira incompleta, um ambiente de acolhimento e respeito que reflete os ensinamentos de Cristo, como o amor, a justiça e a igualdade.

Este compromisso coletivo também se realiza no interior da Igreja, e assim é, porque a perspectiva das mulheres entende que não podem reivindicar a plenitude da vida para cada pessoa, se isso não for testemunhado e

concretizado na comunidade igualitária constituída por Jesus Cristo e construída pelo poder do Espírito Santo sobre todas as pessoas crentes. Numa realidade eclesial onde a exclusão das mulheres ainda persiste – seja na tomada de decisões, no acesso à preparação teológica ou nos ministérios ordenados – a teologização das mulheres exige urgentemente esforços sustentados para descobrir novas formas de ser Igreja, de estar na Igreja. O mundo como presença visível do Reino de Deus e da nova criação... A nossa fé no poder da cruz e da ressurreição fortalece-nos para viver esta visão da nova criação de Deus, onde nenhuma pessoa é escravizada ou subordinada, mas onde um povo livre participa do projeto libertador de Deus na construção de uma verdadeira comunidade e de uma nova sociedade.)²⁴

Utilizar a Linguagem Inclusiva de Gênero também é um ato político, no sentido de que ela desafia diretamente as normas patriarcais que estão intoxicadamente enraizadas nas tradições religiosas e culturais. Desafiar o status quo é tarefa essencial da igreja engajada em uma prática profética, que busca a justiça para todas as pessoas, independentemente de seu gênero ou qualquer outro fator social. Esse é um ato revolucionário de resistência contra sistemas opressivos. Jesus foi revolucionário.

Acolher todas as identidades de gênero também é compromisso pastoral das igrejas, oferecendo cuidado pastoral àquelas pessoas que foram marginalizadas ou feridas por discursos excludentes. A linguagem inclusiva, portanto, se torna um instrumento não apenas de justiça, mas também de reconciliação dentro da comunidade de fé. Esse pode ser um dos passos para a cura das feridas deixadas por séculos de exclusão e marginalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar como a linguística pode se relacionar com conceitos da Teologia Feminista para promover a Justiça de Gênero nas comunidades cristãs, especialmente por meio do uso da Linguagem Inclusiva de Gênero. A linguagem não é meramente um reflexo da realidade, mas um instrumento potente de construção de identidade e de manutenção ou contestação de estruturas de poder.

A Teologia Feminista, ao propor a reinterpretação das Escrituras e das práticas teológicas sob uma perspectiva justa e inclusiva, encontra na linguística uma aliada de potencialidades. Conceitos como a performatividade de gênero mostram como o

²⁴ AQUINO, 1989. “Este compromiso colectivo se desempeña también al interior de la Iglesia, y es así, porque la óptica de la mujer entiende que no puede reivindicar la plenitud de vida para cada persona, si ésta no se testimonia y concretiza en la comunidad igualitaria constituida por Jesucristo y edificada por la fuerza del Espíritu Santo sobre todos los creyentes. En una realidad eclesial donde aún persiste la exclusión de la mujer –sea de la toma de decisiones, del acceso a la preparación teológica o de los ministerios ordenados–, el teologizar de la mujer «llama urgentemente a sostener esfuerzos por descubrir nuevas formas de ser Iglesia, de estar en el mundo como presencia visible del Reino de Dios y de la nueva creación... Nuestra fe en el poder de la cruz y resurrección nos fortalece para vivir esta visión de la nueva creación de Dios, donde nadie es esclavizado ni subordinado, sino donde un pueblo libre participa del proyecto liberador de Dios en la construcción de una verdadera comunidad y una nueva sociedad.” (tradução própria)

gênero é construído e naturalizado no discurso teológico. A partir dessa compreensão, a Linguagem Inclusiva de Gênero surge como uma prática transformadora, parceira na subversão das normas patriarcais que abrem espaço para novas relações de justiça entre homens e mulheres.

Ao utilizar uma linguagem que reconhece, visibiliza e valoriza a diversidade de gênero, as comunidades cristãs podem contribuir para a desconstrução de padrões excludentes e para a construção de uma fé mais inclusiva e justa. As palavras têm o poder de criar realidades, e, ao transformar a linguagem, as igrejas podem efetivar mudanças significativas nas relações de poder e nas formas como o gênero é compreendido e vivido na fé cristã.

A Justiça de Gênero nas comunidades de fé não pode ser dissociada do uso da linguagem. A Linguagem Inclusiva de Gênero é uma expressão concreta do compromisso com os princípios cristãos de justiça, igualdade, dignidade e respeito por todas as pessoas, independentemente de seu gênero. O intuito do uso da Linguagem Inclusiva de Gênero é, primordialmente, abraçar uma visão de Deus e da humanidade que reflete mais plenamente o amor e a justiça.

REFERÊNCIAS

AQUINO, María Pilar. “¿Qué es hacer teología desde la perspectiva de la mujer?” Fala apresentada no congresso *Iglesia y derechos humanos*. IX Congreso de Teología, Grafinat, Madrid, 1989.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de leituras*, n. 78, 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 05 de set. 2024.

DEIFELT, Wanda. *Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a bíblia das mulheres*, editada por Elizabeth Cady Stanton. Estudos Teológicos, São Leopoldo, RS, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: SOTER; Paulinas: Loyola, 2003.

EGGERT, Edla. A mulher e a educação: possibilidade de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, RS, v. 3, n. 5, p. 19-27, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 49. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 06 de set. 2024.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista?* São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MENA LOPEZ, Maricel. Violencia sexual y desplazamiento forzado a la luz del libro de los Jueces. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, v. 63, n.2, p. 54-67, Quito, 2009.

MOLYNEUXO, Maxine. *Justicia de Género, Ciudadanía y Diferencia en América Latina*. Ediciones Universidad de Salamanca: Salamanca. v. 28, p. 181-211, 2010.

PEREZ, Caroline Criado. *Mulheres invisíveis: o viés dos dados em um mundo projetado para homens*. Tradução: Renata Guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022

REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração: Teologia Bíblica Feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.

TÁMEZ, Elsa. Religión y género. *Enciclopedia Iberoamericana de Religiones*. Edición de Sylvia Marcos. Madrid: Trotta, 2008.